

Velho é a PQP! Histórias de quem já viveu muito, mas ainda não o suficiente¹

Matheus FONSECA²

Audre Cristina ALBERGUINI³

Instituto Superior de Ciências Aplicadas – ISCA Faculdades, Limeira, SP

RESUMO

O *paper* dispõe sobre o desenvolvimento técnico e teórico para a produção do livro-reportagem “Velho É a PQP! Histórias de quem já viveu muito, mas ainda não o suficiente”. A obra, exigência para conclusão do curso de Jornalismo – no formato e estilo definidos pelo graduando – procurou dar voz a diferentes fontes primárias (sempre destacadas como *personagens*) incluídas no segmento “Terceira Idade”. Visando o resgate oral enquanto elemento fundamental para a coleta, assimilação, hierarquização e posterior relato das informações (experiências de vida), o autor adotou o estilo característico do *jornalismo literário*, criando um produto de fácil leitura, mas sem deixar de lado a proposta explicitada desde sua concepção: um produto *jornalístico*, ao mesmo tempo em que interessante.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos; Terceira Idade; Histórias de Vidas; Livro-Reportagem; Jornalismo.

1 INTRODUÇÃO

A disciplina Projeto Experimental II (o famigerado TCC), derradeira do curso de Comunicação Social – Jornalismo do ISCA Faculdades, é o momento no qual o aluno deve optar pela modalidade e formato com os quais mais se identifica, no intuito de produzir um produto jornalístico a ser avaliado. Trata-se, portanto, de uma decisão extremamente pessoal. Nesse sentido, a escolha pela modalidade Livro-Reportagem foi algo natural (e inevitável) por parte do autor: a paixão por uma boa narrativa pesou (e muito) na concepção do produto. O desafio: criar uma obra que conciliasse informação com estrutura narrativa. E assim, o objeto de estudo logo se revelou: os idosos, com suas trajetórias pessoais, suas impressões do tempo e da maturidade e, claro, suas ricas histórias de vida.

A ótica perante a Terceira Idade está em processo de evolução. Não raro é ouvir relatos sobre “velhinhos” que botam uma mochila pelas costas e saem pelo mundo, vão para

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na categoria JO 11, modalidade livro-reportagem (avulso).

² Aluno líder e recém-graduado do curso de Comunicação Social – Jornalismo – Isca Faculdades (2013)
Email: matheusfonseca@hotmail.com.

³ Orientadora da disciplina “Projeto Experimental II” (TCC). Jornalista, Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2007) email: audrecris@yahoo.com.

a “balada” e possuem perfis no Facebook⁴. Aliás, já foram inclusos em definitivo na era digital: o universo midiático está repleto de exemplos e referências (no sentido icônico) de “senhores” e “senhoras” com atitudes e comportamentos, digamos, “joviais”. Pode soar forçado a olhos incautos, todavia as novas possibilidades da *gestão da velhice* estão postas.

No meio acadêmico, o que se observa é a produção de artigos, teses e monografias sobre o assunto, abordando uma suposta “reinvenção da velhice” ou mesmo uma “nova identidade”. Questionamentos permeiam discussões catedráticas: seria a Terceira Idade uma fase intermediária entra a idade adulta e a velhice (na acepção da palavra), caracterizada como a “coroação da vida” e o momento definitivo para gozá-la? Ou um fenômeno passível de processo de homogeneização premeditada?

Expostos/presentes na mídia massificada ou discutidos no meio acadêmico, todo discurso – aqui denotando um “todo de sentido”⁵ - a respeito da “nova cara” dos idosos, seja no país, seja no mundo, foram objeto de análise e consulta ao longo da produção do livro-reportagem, muito para fins de inspiração e comparação com os objetivos e concepções iniciais do projeto. Importante deixar claro que o produto final não possuiu as pretensões de definir um modelo comportamental definitivo do idoso no Brasil. Propôs-se, e com afinco, a “garimpar” personagens interessantes, com boas histórias para contar. Eles estão por aí. E não são poucos!

2 OBJETIVO

O livro-reportagem teve por objetivo principal, no que diz respeito à forma e conteúdo, a ideia de que *um produto jornalístico pode, também, ser interessante*. Para quem produz e para quem o consome. A opção pelo estilo, por parte do autor, foi inevitável. Na ânsia por uma obra que fugisse de academicismos e sinais do jornalismo “engessado”, a temática da Terceira Idade mostrou-se ideal. Com as narrativas advindas dos encontros com os personagens, o autor teve a oportunidade de lançar mão de elementos literários para contextualizar questões pertinentes (e atuais) do universo dos idosos. Tais percepções refletem como o tempo se mostra cada vez mais “líquido” (como afirma Zygmunt Bauman), sendo formatadas em uma roupagem atraente para o leitor comum. O livro foi concebido para ser uma obra simples, porém, profunda e sincera em sua simplicidade.

Ao relatar as variadas histórias de vida, o texto almejou seduzir leitores de todas as gerações. Prender a atenção de quem se dispõe a folhear as páginas. Como o próprio autor

⁴ Rede Social com mais de 1,11 bilhão de usuários em maio de 2013.

⁵ Definição adotada por Nilton Hernandes em seu livro “A mídia e seus truques” (Editora Contexto, 2006).

define, trata-se de um texto para “se ler no banheiro”. No entanto, sempre trazendo elementos que fomentem a reflexão sobre os novos rumos da sociedade e a visão para com os idosos. Isso é *informação*, antes de tudo. A Terceira Idade é fonte profícua de percepções a respeito do lado individual, subjetivo, como também dão indícios sobre a conjuntura do novo tecido social que se escancara a olhos vistos. Idosos têm opiniões e histórias. É bom prestar atenção.

Eles estão por aí. O bom jornalista deve ficar atento. Observar, pois os idosos são uma pauta interessante, que pode render conteúdos não menos interessantes. No contexto da sociedade pós-moderna, a imagem da Terceira Idade enfrenta processo de inovação. São idosos, sim, porém e antes de tudo, figuram enquanto exemplos e personagens do cotidiano. O dia a dia que nada além é do que a extraordinária odisseia do homem comum.

3 JUSTIFICATIVA

Quanto à escolha do tema/objeto de estudo, o autor partiu da observação de que os idosos estão na Ordem do Dia. Estatísticas não mentem. Ou melhor: indicam, sugerem e projetam. Basta analisar o estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo realizado em 2010, para chegar à conclusão: a população brasileira está envelhecendo. A expectativa de vida feminina passou de 73,9 para 77 anos. Já entre os homens, subiu de 66,3 para 69,4 anos. Resumindo: cerca de 20 milhões de idosos, 8,6% da população total, com previsão (logo para 2020) de que esse número chegue a 30 milhões. E mais: para 2050, a previsão é de 50 milhões. Mesmo com tal perspectiva, *ainda* somos considerados um país jovem. Mas afinal, *quem* decide *quem* é idoso?

Impossível vislumbrar qualquer produto jornalístico em profundidade sem considerar a legislação específica sobre o objeto de estudo – sobretudo se existir alguma. A Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), dispõe-se a “regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. Percebe-se, logo em seu artigo 1º, que o texto goza de pretensão similar ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e do Estatuto do Nascituro (em eterna fase de aprovação e polêmica), que é legislar sobre faixas etárias específicas. Ao longo do texto, seis títulos e 118 artigos discorrem sobre liberdade, respeito, dignidade, educação, trabalho, lazer, assistência social, crimes e sanções (para quem descumprir as normas previstas). Desnecessário, caso o artigo 5º da Constituição Federal fosse respeitado.

O idoso, agora devidamente “definido” como o indivíduo que conta, no mínimo, 60 anos, possui o respaldo legal para exigir certas premissas: prioridade de atendimento em órgãos públicos e privados, preferência na execução de políticas públicas, garantia de acesso a serviços de saúde. Quem sabe, e contando ainda com boa dose de benevolência, até mesmo um assento garantido no transporte público.

O que o estatuto não previu é que há idosos *que não se veem como idosos*. E a história mostra que não adianta sequer tentar legislar sobre costumes. Essa mudança de paradigma incorre em uma “Nova Terceira Idade” que, por muitas vezes, dispensa os caixas preferenciais nos estabelecimentos bancários e nem mesmo solta rojões em 1º de outubro (Dia do Idoso). Nesse sentido, a Lei 10.741 não pode impor àquele com 60 anos ou mais: “seja velho, porte-se como tal!” O idoso visualizado pelo estatuto nada mais é do que um ser que necessita constantemente de cuidados. Existem, porém, quem não se espelhe no padrão clássico da velhice. Eis o foco do livro-reportagem.

Agora, eles mandam e recebem e-mails: a Terceira Idade invadiu definitivamente a Web. Nos últimos seis anos, houve incremento de aproximadamente 5,6 milhões de pessoas no acesso à internet – usuários esses com 50 anos ou mais. Ainda que boa parte desse montante não tenha adquirido o status de idoso, o estudo do IBGE comprova: já não há mais espaço ou ramo de atividade sem a participação dos “maduros”. Aposentados retornam ao mercado de trabalho, muitas vezes em atividades distintas do emprego original. Outros retomam (ou iniciam) os estudos – vide a proliferação das Universidades da Terceira Idade. Tornam-se agentes políticos através da participação nas Câmaras da Terceira Idade. Exercem a cidadania ao votar por livre e espontânea vontade, mesmo o voto sendo facultativo aos maiores de 70 anos. Usam brincos, exibem tatuagens. Elegem-se *Miss* e *Mr.* nos concursos de beleza voltados ao segmento. E, de quebra, ganham medalhas nos torneios esportivos destinados à faixa etária. Quantas histórias e percepções podem ser extraídas!

Por fim, são proativos. Protestam também. A ponto de não se fazerem de rogados e exclamar a plenos pulmões que “velho é a PQP!”, sem nenhuma conotação ofensiva. Pelo contrário.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A essência do livro-reportagem é seu conteúdo jornalístico, incluindo-se aí a liberdade quase total contemplada pelo autor para a exposição dos fatos/relatos/narrativas. Sendo assim, no que concerne ao estilo textual, o produto mesclou técnicas de redação jornalística (objetividade, clareza, utilização de títulos, subtítulos, intertítulos, linhas-finas, dentre outros elementos) com recursos literários (discursos direto, indireto e indireto-livre, fluxo de pensamento, uso de adjetivos, digressões, figuras de linguagem, descrições pormenorizadas). O formato do livro-reportagem obtém sucesso em tornar mais “palatáveis” temas não tão aprazíveis ao leitor comum e não especializado. O grande mérito? Valer-se da humanização do relato.

Na produção de “Velho é a PQP!”, partiu-se de um tema geral: idosos. Por se tratar de livro-reportagem do tipo *perfil*, o método mais adequado para a coleta das informações e relatos das fontes/personagens foi a *entrevista em profundidade*. Jorge Duarte, ao citar Fontana & Frey (1994, p. 361), garante que a entrevista “é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”. Justamente o processo de humanização foi fundamental para o objetivo do produto: “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de cada fonte, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador” (Duarte, 2006). Coube ao autor a compilação do material e traduzi-lo em obra interessante, de acordo com o estilo desejado. Novamente: as “matérias-primas” para o livro-reportagem foram os idosos – pessoas comuns, ordinárias – inseridas em uma “nova visão” social frente ao processo da velhice, e cujas histórias foram extraídas e absorvidas pela técnica da entrevista em profundidade.

Quanto à tipologia, as entrevistas se enquadraram no modelo qualitativo, com questões não estruturadas (embora uma pré-pauta fosse sugerida). Esse modelo fundamenta-se em uma questão central, com abordagem em profundidade e sem perguntas pré-determinadas. Claro, a intenção foi deixar a conversa – pela própria natureza dos entrevistados – o mais flexível e exploratória possível. Daí a tipologia entrevista aberta: é um procedimento “sem itinerário” (DUARTE, 2006). Não se descartou a adoção do modelo de entrevista semiaberta, com um pré-roteiro e questões-chave elencadas em tópicos. A despeito da classificação ou nomenclatura, as entrevistas atuaram enquanto método válido e confiável para obtenção de informações, sempre respeitando e garantindo a espontaneidade dos relatos. Importante ressaltar que o autor partilha da concepção de Jorge Duarte, que

prega: “Não se busca generalizar ou provar algo com entrevistas em profundidade” (DUARTE, 2006). O procedimento almejou, pura e simplesmente, a excelência na tradução dos diferentes perfis delineados no produto. Os personagens surgiram com base em observações e investigação do cotidiano, e seguiram definindo os capítulos do livro-reportagem. Mais importante: os oito personagens do livro estão ali presentes porque foram considerados interessantes.

Todas as entrevistas, conversas e “bate-papos” entre o pesquisador e as fontes foram realizados *in loco*, seguindo orientações de produção discorridas ao longo do curso de graduação (pré-agendamento, pontualidade). Objetivo: deixar as fontes completamente à vontade, sem imposições de tempo e restrições de assuntos (embora seguindo um norte temático). Os horários e locais das visitas foram sugeridas pelos próprios entrevistados, sendo de grande valia o fato de o espaço físico ter se constituído da própria residência do personagem. No entanto, a proximidade com a fonte não se limitou a um jogo de perguntas e respostas, por mais profundas que viessem a ser. Estabeleceu-se uma cumplicidade entre o autor e os personagens, mesmo no período subsequente às entrevistas/conversas.

O pesquisador, de antemão, dispôs-se a “mergulhar” no universo de cada personagem. A observação direta, as anotações, impressões e percepções tiveram papel importante na hora de descrever minuciosamente os respectivos “nichos”. Some-se a isso um registro fotográfico especializado – a contratação de um profissional foi indispensável para acompanhar as entrevistas. Certo é que o teor das narrativas foi preservado (bem como a experiência descritiva).

Com o áudio devidamente registrado em formato digital, as entrevistas foram transcritas de modo a comporem uma base de dados e inventário confiável, sendo constantemente consultada ao longo do processo de redação. Preservou-se o linguajar, com algumas correções para o português “correto”. Anotações pessoais, descrição do gestual e do ambiente também estão presentes nas transcrições. A autorização para o uso das imagens foi obtida mediante termo de consentimento de uso, assinado pelos entrevistado: mais um demonstrativo da preocupação do autor em tornar os relatos válidos e legítimos, sempre com abordagem positiva. O livro nada mais é do que o relato de tais encontros.

Convém esclarecer que o livro-reportagem obtido é fruto do esforço de um jornalista, não de um historiador. Em que pese a similaridade das categorias – especialmente no que concerne aos métodos para levantamento de dados que independem da memória humana – a obra final não se constitui de um “apanhado” de “minibiografias”

(mesmo porque demandaria longo período de tempo). O método biográfico, ainda que não enquanto metodologia principal adotada, merece ser citado pois norteia a investigação sobre as fontes primárias (coleta de documentos, certidões de nascimento, diários, material iconográfico e testemunhos orais) e secundárias (lembranças e recordações de familiares e amigos, ou seja: remontam ao passado). Além disso, “as escolhas das fontes são determinadas pelos biógrafos” (GOBBI, 2006). No caso do livro-reportagem finalizado, cada capítulo foi definido pelos personagens. A estrutura do produto final contemplou vários perfis, narrativas pessoais que mereceriam, no caso de uma biografia propriamente dita, um livro próprio e autônomo para cada personagem.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Em 1950, durante uma conferência, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) estipulou os quesitos para que uma publicação possa assumir-se enquanto um livro: impera que seja uma publicação não periódica literária contendo mais de 48 páginas, sem contar as capas. Com o livro-reportagem não é diferente. Espera-se um mínimo de páginas para que a obra goze de tal denominação (no caso do ISCA - Faculdades, mínimo de 70).

O livro-reportagem “Velho é PQP!” foi finalizado com 152 páginas, sem contar a capa e contracapa, tendo por dimensões 14x21cm, com orelhas e lombada de 8mm. A capa foi produzida com cartão Ningbus 250g de fabricação chinesa (APP) e impressão 1x0 cor. Para o miolo, utilizou-se papel Snowbright 80g, impressão 4x4 cores. Impressão digital, com o acabamento feito com o uso de cola PUR (sem costura). Capa e contracapa foram produzidas e impressas à parte.

Além dos cinco capítulos que abordam oito personagens, o livro possui também os seguintes elementos: agradecimentos, epígrafes (duas), dedicatória, prefácio, introdução e considerações finais. O produto final ainda é ilustrado com 76 fotos, alternando-se entre coloridas e tons de cinza (preto e branco). Uma ilustração, retirada do site pessoal do personagem Ruter Hiroce, completa a relação.

Quanto à linguagem e estilo, o livro-reportagem foi redigido nos moldes do *jornalismo literário*. Tal recurso garantiu a liberdade em criar narrativas a partir da coleta de informações e observações do contexto dos idosos/personagens. Buscando a humanização do relato, o texto traz elementos típicos da literatura como: uso (cauteloso) de adjetivos, descrições, ambientações e figuras de linguagem; alternância entre os discursos

direto, indireto e indireto livre; presença de diálogos e variações no papel do narrador (observador, personagem); preservação (sempre que possível) das falas coloquiais, gírias e expressões, além de digressões.

As características acima elencadas exerceram função de “amarrar” o enredo (sim, há uma “trama” em cada capítulo), não perdendo de vista o propósito de ser o diferencial do livro-reportagem em relação a outros produtos acadêmicos com temática similar. O produto, ao lançar mão da literatura de não-ficção, rompe com as amarras das redações “sisudas”.

Já em relação à identidade visual, o livro-reportagem apresenta elementos que, além de enriquecer e ilustrar o conteúdo, ajudam a inserir o leitor em cada capítulo, “microcosmos” autônomos unificados pela temática geral. O autor acompanhou e supervisionou a diagramação do conteúdo – processo que, no caso em questão, ficou sob a incumbência de profissional especializado. O mesmo vale para as fotos: ainda que confiadas a profissional competente, todo conteúdo iconográfico passou pelo crivo do autor.

6 CONSIDERAÇÕES

O livro-reportagem aqui considerado é uma obra individual. Privilegiou-se o lado autoral, abrindo mão de contatos com especialistas. Daí a relevância da escolha “a dedo” dos personagens: eles é que definiram os capítulos, unidades fundamentais do produto final. São eles, os personagens, as “estrelas” do livro.

A opção pelo título “ousado” – é bom que se elucide – jamais configurou atitude premeditada a fim de causar polêmica ou mesmo “fazer gracinha”. Apenas é reflexo da observação do autor em relação ao posicionamento de boa parte dos idosos em relação às respectivas autoimagens. Pode soar como um desabafo, sim, mas não somente da parte dos idosos: também é a opinião do autor a quem insiste em uma visão negativa, pessimista e estereotipada da Terceira Idade.

Muito além de uma exigência acadêmica, o livro-reportagem “Velho é a PQP” consistiu em verdadeiro exercício de liberdade – aliada com uma enorme responsabilidade. Seja pelo estilo adotado, seja pelo tema que rende uma infinidade de boas narrativas e discussões, a produção de “Velho é a PQP!” demonstrou-se uma aprazível (e motivo de orgulho) oportunidade de exercer a arte de escutar - processo ativo e altamente edificante.

O livro-reportagem aqui descrito é uma obra extremamente simples, direta, sincera. E, caso houve maior ambição durante todo o processo, foi a de ser justamente um produto interessante. Jornalístico e interessante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-Modernidade**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- ARCINE, Raquel. **Mídia, discurso e subjetivação do “novo idoso”: que melhor idade é essa?** Disponível em www.letras.ufscar.br/linguagem. Acessado em 03 abril 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2004.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- LOBATO, Monteiro. **O Saci-Pererê: resultado de um inquérito**. São Paulo: Globo, 2008.
- Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acessado em 06 de maio de 2013.
- MARCONDES Filho, Ciro (Org). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- RIBEIRO, Zilda Augusta. **Braseiros e causos da Capella**. Aparecida: Santuário, 1996.
- SILVA, Luna**. *Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?* *Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 18 [4]: 801-815, 2008.*